

BRASIL
NOSSA COPA ESTÁ PRONTA

O MARAVILHOSO MUNDO DO KART

FLACAR

N.º 860 17/NOVEMBRO/1986 Cz\$ 17,00

**SÓCRATES:
"O MENGÃO
ESTÁ UM
BARATO"**

**BOTAFOGO E
SANTOS: AS
GLÓRIAS DO
CLÁSSICO**

**VAI, PORCO:
PALMEIRAS
CADA VEZ
MAIS FORTE**



**BEBETO: O
MENINO DE
OURO BRILHA
NA BOA TERRA**

*Bebeto, autor do gol do Flamengo
no 1 x 0 contra o Vitória*



*Mirandinha
e Martorelli*



TODOS OS HOMENS DO SÃO PAULO

Eles não jogam. Mas são a alma do Morumbi

AGRE. ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE. Cz\$ 23,50—0563

IMAGENS DE PLACAR

Glória a dois nas alturas

Todas as glórias à dupla Bernardo e Oscar, do São Paulo. Eles marcaram em cima o palmeirense Mirandinha e não deixaram o goleador em paz, dia 2, no Morumbi. O jogo ficou 0 x 0



SERGIO BEREZOVSKY

FRANÇA, AÍ VOU EU!

Uma passagem pelo automobilismo inglês é fundamental para o sonho de jovens corredores brasileiros de chegar à Fórmula 1. Assim fizeram Emerson Fittipaldi, José Carlos Pace e, mais recentemente, Nelson Piquet e Ayrton Senna. Bem que o paulista Oswaldo Negri Júnior, 22 anos, tentou seguir pelo mesmo caminho. Com suas credenciais de campeão nacional de kart e de maior revelação na Fórmula Ford, partiu para a Inglaterra, no início do mês passado, à procura de uma boa equipe.



Oswaldo na F Ford: aulas de inglês

Para surpresa geral, entretanto, voltou como o primeiro brasileiro a participar de um campeonato francês de Fórmula 3. "Não consegui nenhum lugar nas escuderias inglesas", lamenta o piloto. "Na França, ao contrário do que se pensa aqui, a competitividade é muito grande. René Arnoux, François Cevert e o bicampeão mundial Alain Prost, todos vindos da F 3 francesa, são prova disso." Oswaldo corre agora atrás de 250 000 dólares (cerca de 3,5 milhões de cruzados) para garantir sua vaga no próximo campeonato de lá. Apesar de tudo, ele não esquece a sonhada Inglaterra. Por isso Oswaldo passa diariamente 1 hora e meia nas aulas de inglês. "Só por precaução", brinca.

NOVO VISUAL

Os corações femininos vão bater cada vez mais forte quando Müller estiver em campo. Aos 20 anos, o novo símbolo sexual do futebol brasileiro revolucionou seu visual nas duas últimas semanas. Colocou um pequeno brinco de brilhante — garante que não foi por influência do argentino Maradona — e tatuou a figura de um cavalo alado no braço esquerdo. A idéia dos badulaques foi de sua nova namorada, Luana, dona de uma confecção e sete anos mais velha. Ele a conheceu em suas andanças atrás de roupas exclusivas.

Müller também não se importa com as brincadeiras de que tem sido vítima nos últimos dias.

"O clube está ficando 'arejado' demais", diverte-se o goleiro Gilmar. "Quem tinha de gostar ou não era Luana", contra-ataca o craque. "E ela disse que eu fiquei um gato."

PAIXÃO RUBRO-NEGRA

Pouco antes do início da Copa Brasil, a curitibana Cida Teixeira resolveu abandonar o programa *Paraná Aqui e Agora*, da TV Iguaçu, para realizar um velho sonho: ser repórter esportiva de rádio.

Nenhuma emissora, porém, quis ficar com seu passe. Ao relatar suas dificuldades para o marido Jorge Yared Filho, ouviu a resposta que mais desejava. Ele simplesmente comprou o horário de 9 às 11 da manhã na Rádio Paraná e entregou o comando para Cida. Pediu apenas que ele fosse dedicado ao grande amor dos dois: o Atlético Paranaense. "O sucesso foi ime-



Müller: brinco, tatuagem e gozações

diato", festeja a empolgada locutora de 35 anos. "Estamos conseguindo unir ainda mais a maior torcida do Paraná."

O programa *Paixão Rubro-Negra* não tem qualquer vínculo com o clube. A diretoria só colabora oferecendo brindes, como camisetas, faixas e discos. A boa audiência já fez, até, com que o casal iniciasse as negociações com alguns canais de televisão. Então, Cida voltará às telinhas. □



Cida: 2 horas de Atlético-PR no ar

ZERO PARA OS DOIS

São Paulo e Atlético Mineiro preocupam-se apenas em não perder, ficam em preguiçosos empates sem gols na rodada de domingo e decepcionam suas torcidas



Gilmar, contra o Joinville: salvando o São Paulo e levando os catarinenses ao desespero com suas defesas

Atlético Mineiro e São Paulo, os dois últimos invictos da Copa Brasil, andaram meio preguiçosos no domingo passado. No Rio de Janeiro e em Joinville, mais de 50 000 torcedores foram aos estádios para ver o que é que mineiros e paulistas têm para ser considerados grandes favoritos ao título. Todos saíram decepcionados e não viram sequer um gol.

No Maracanã, diante de um Vasco medíocre — e que perdeu Roberto, machucado, ainda no primeiro tempo —, o Atlético se preocupou apenas em não perder. “Não podíamos

ter feito outra coisa”, desculpava-se o técnico Ílton Chaves. “O calor estava muito forte.” De fato, registravam-se 31 graus na hora da partida — o que não justificava, porém, que jogadores como Zenon e Renato procurassem a sombra das marquises do estádio para escapar do sol sufocante. Por isso, quem acabou esquentando a cabeça foi Nunes, o João Danado. “Eu quero é ganhar sempre”, inconformou-se. “Esse negócio de manter invencibilidade não importa.” Não eram meras frases de efeito. Nunes tinha sido o único a mostrar raça e determinação em campo.

Correu, brigou com a defesa adversária e suou a camisa — em todos os cantos do gramado.

MILAGRES DE GILMAR — Outro que suou bastante a camisa, em Joinville, foi o goleiro Gilmar, do São Paulo. Graças a ele o tricolor do Morumbi não voltou derrotado para casa. Gilmar operou um verdadeiro milagre, aos 26 do segundo tempo, ao defender uma cabeçada certa de Paulo Egídio. O vôo foi acrobático e preciso. Mais tarde, a um minuto do final, mostrou que goleiro também precisa ter sorte. E a bola chutada de fora da



SILVIO VIEGAS

Nunes, contra o Vasco: brigando com raça pela vitória, enquanto alguns companheiros preferiam ficar na sombra

área pelo zagueiro Adílson foi chocar-se contra o travessão.

“Normalmente eu não apareço porque a moçada lá na frente dá conta do recado”, sorria Gilmar no vestiário são-paulino. Só que a moçada lá na frente não vem dando conta do recado há alguns jogos. “O São Paulo tem passado muito sufoco ultimamente”, ironizava o técnico Edu, do Joinville. “Será que foi descoberto o antídoto para aqueles cobras?”

Nada disso, segundo o treinador Pepe. Ele concorda que o time vem caindo de produção, “mas não é nada preocupante”. Na verdade, o em-

pate foi uma vitória para os paulistas. O Joinville armou seis jogadas de gol durante os 90 minutos, contra apenas um lance perigoso do São Paulo. “Faltou confiança para se tentar um resultado melhor”, admitia o atacante Silas. O lateral Zé Teodoro preferia filosofar: “As dificuldades para a gente aumentam na medida em que o time mantém a invencibilidade”, sugere. “Então, não importa jogar feio, pois no fundo vale o resultado.”

VAIAS E LAMENTOS — Quem não gostou nada dessa filosofia foi o público

catarinense — 19 000 torcedores no Ernestão. Ele pagou ingresso para ver a máquina tricolor e esperava tudo do São Paulo, menos que fosse dominado pelo Joinville.

No Maracanã, os quase 32 000 pagantes de Vasco x Atlético também saíram vaiando, lamentando não terem feito coisa melhor. Uma praia teria sido bem mais agradável que ter passado nervoso diante de uma partida modorrenta. No fim, zero para todo mundo, menos para Nunes e Gilmar.

Roberto José da Silva e
Paulo Roberto Pereira

SÃO PAULO

NO OUTRO LADO DO TÚNEL

É um time que joga sem a bola, formado por cartolas sérios e profissionais competentes. Deles dependem os artistas do Morumbi

Ansiosos, os jogadores observam a luminosidade da boca do túnel. Lá em cima, a agitação da torcida é energia pura. A expectativa só desaparece com o grito do técnico: "Vamos lá!" A partir daí, para a vitória ou para a derrota, é por conta e risco dos 11 guerreiros. Mesmo repetida a cada partida, a entrada de um time em campo é sempre um momento único. Não é diferente no São Paulo de Careca & cia.

No brilhante tricolor, a diferença

Os homens do São Paulo. Na fila de cima, da esquerda para a direita: Zé Carlos, auxiliar técnico; Beбето, preparador físico; Ferrari, enfermeiro; Pepe, técnico; Carlos Miguel Aidar, presidente; José Eduardo Chimello, gerente de futebol; Gino Orlando, administrador do estádio; Vicente Plumeri, auxiliar da divisão técnica; Luís Godoy, supervisor de administração de futebol; Lyneu de Oliveira, auxiliar da divisão técnica; e Hélio Santos, massagista. Na fila de baixo: Walter Maffei, preparador físico; José Roberto Calicchio, preparador físico; Carlinhos, encarregado da cozinha; Jairo, mordomo; Tião, mordomo; Marco Aurélio Cunha, médico; Luís Rosan, fisioterapeuta; Sandro Cunha, auxiliar de fisioterapia; e Eduardo Gomes Cardoso, médico



está no que acontece antes do “Vamos lá!” de Pepe. Pouca gente imagina o enorme trabalho realizado até aquele instante. Do presidente ao roupeiro, largas doses de esforço e talento são oferecidas para que os craques se preocupem exclusivamente em jogar. “É uma estrutura gigantesca”, informa o presidente Carlos Miguel Aidar, comandante de 414 funcionários registrados. “Mas cada peça funciona com perfeição, e isso facilita”, completa.

Sócio desde o dia do nascimento, conselheiro desde os 20 anos e presidente há dois e meio, Aidar orgulha-se do clube pelo qual já fez coisas do arco-da-velha. Como a histórica farsa por ele tramada na decisão da Copa Brasil de 1977. Na ocasião,

obrigou a mulher, Marília, a fretar um táxi aéreo para levar o centroavante Serginho até Belo Horizonte. “É que o Atlético Mineiro dizia que escalaria Reinaldo, suspenso, à custa de uma liminar”, explica às gargalhadas. “Soube e mandei trazer Serginho, que também estava suspenso.” Nenhum dos artilheiros jogou, mas valeu a *mise-en-scène*: o São Paulo foi campeão, nos pênaltis.

ÚLTIMO RETOQUE — Viajar, e muito, faz parte da vida de Luís Godoy, Vicente Plumeri e Lyneu Oliveira, os homens da divisão técnica do clube. Os dois primeiros têm mais de 20 anos de Morumbi e vivem às voltas com registros, contratos, arrecadação, estatísticas e inscrições de joga-

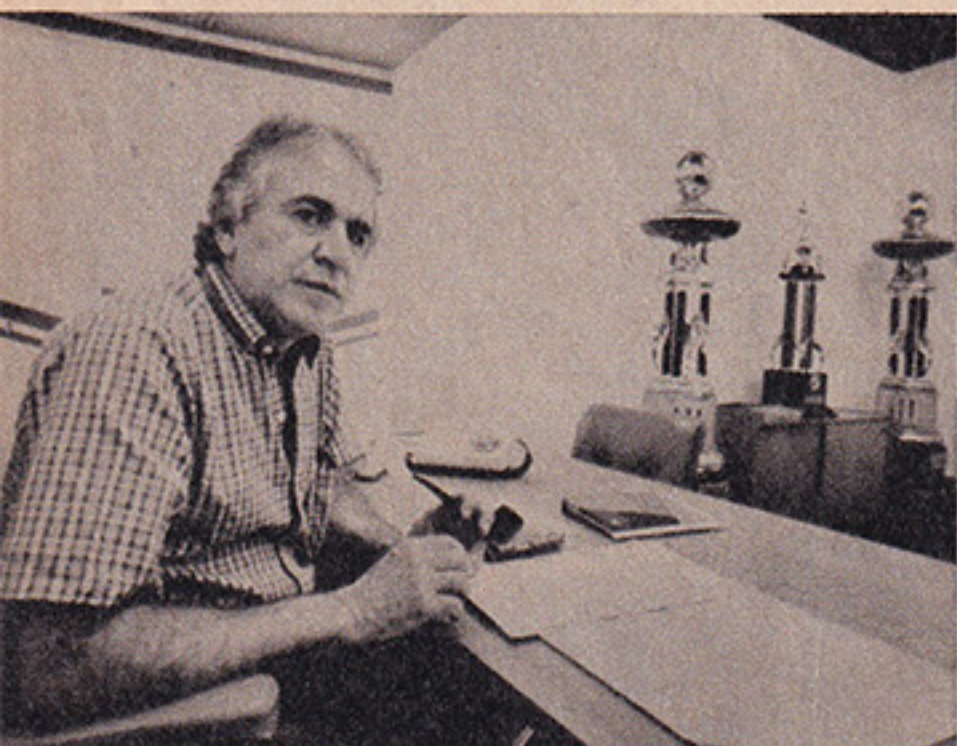
dores. Godoy, supervisor geral, lembra-se particularmente de uma viagem, em 1981, para o Piauí. No hotel em que estava a delegação, um hóspede, tão irado quanto embriagado, confundiu-o com alguém do estabelecimento: “Veio me chamando de ladrão e outras coisas”, conta. “De repente, puxou um revólver e atirou.” A bala cravou-se na parede, poucos centímetros acima da cabeça de Godoy. Uma sorte.

Coisas estranhas às funções específicas dos homens de retaguarda do São Paulo não são raras. Sebastião Alexandre da Silva, que viveu metade dos seus 42 anos no ▶



O médico não tem hora para sair, mas trabalha feliz

tricolor, bem sabe disso. Tião, como é conhecido pelos jogadores, orgulha-se de ser o único mordomo diplomado do futebol brasileiro — diz que roupeiro é coisa de Corinthians — e cuida com carinho das camisas, calções, chuteiras e meias dos craques. Conta para isso com a ajuda de Jairo Cavalcanti, 22 anos. “É um trabalho importante”, julga. “Afinal, damos o último retoque no time.”



O diretor Juvêncio: muito trabalho

PENSAMENTO COLETIVO — Em 1980, na decisão do título paulista com o Santos, porém, o retoque foi diferente. Instruído pelo massagista Hélio Santos, 55 anos, ele obrigou o então goleiro Waldir Peres a entrar no campo de costas. “Era para um trabalho...”, lembra. Além disso, quebrou uma garrafa de champanha no gol defendido por Marolla, enquanto Hélio fumava um charuto no outro gol. Coisas do Além ou não, deu tricolor na cabeça.

Não tão místico, mas igualmente eficiente, é o trabalho da comissão técnica. Tudo muito bem dividido. Pepe e seu auxiliar Zé Carlos tratam do lado técnico, enquanto os goleiros são treinados pelo competente Gilberto de Moraes. E o preparador físico Bebeto de Oliveira — um dos segredos da bela fase da equipe,

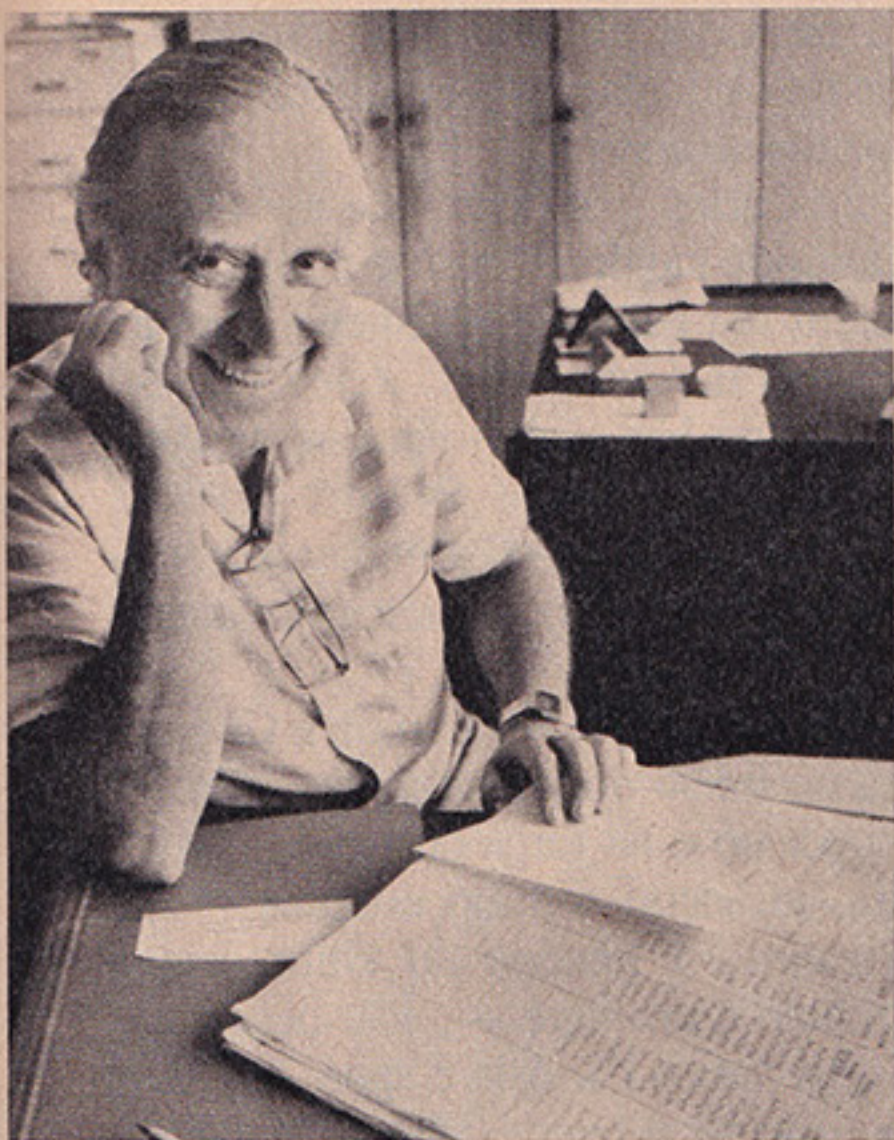


FOTOS SERGIO BEREZOVSKY

O presidente Carlos Aida, comandante de 414 homens: farsa histórica



Uma das reuniões do departamento de futebol: planejamento e seriedade



Godoy, da divisão técnica: tiros

apaixonado pela escola da velocidade e flexibilidade — conta com dois ótimos profissionais para ajudá-lo: José Roberto Calicchio e Walter Maffei. “Aqui ninguém quer ser melhor, todos pensam coletivamente”, já aprendeu Beбето, que com seus três anos de clube está longe dos sete de Maffei e dos 13 de Zé Roberto.

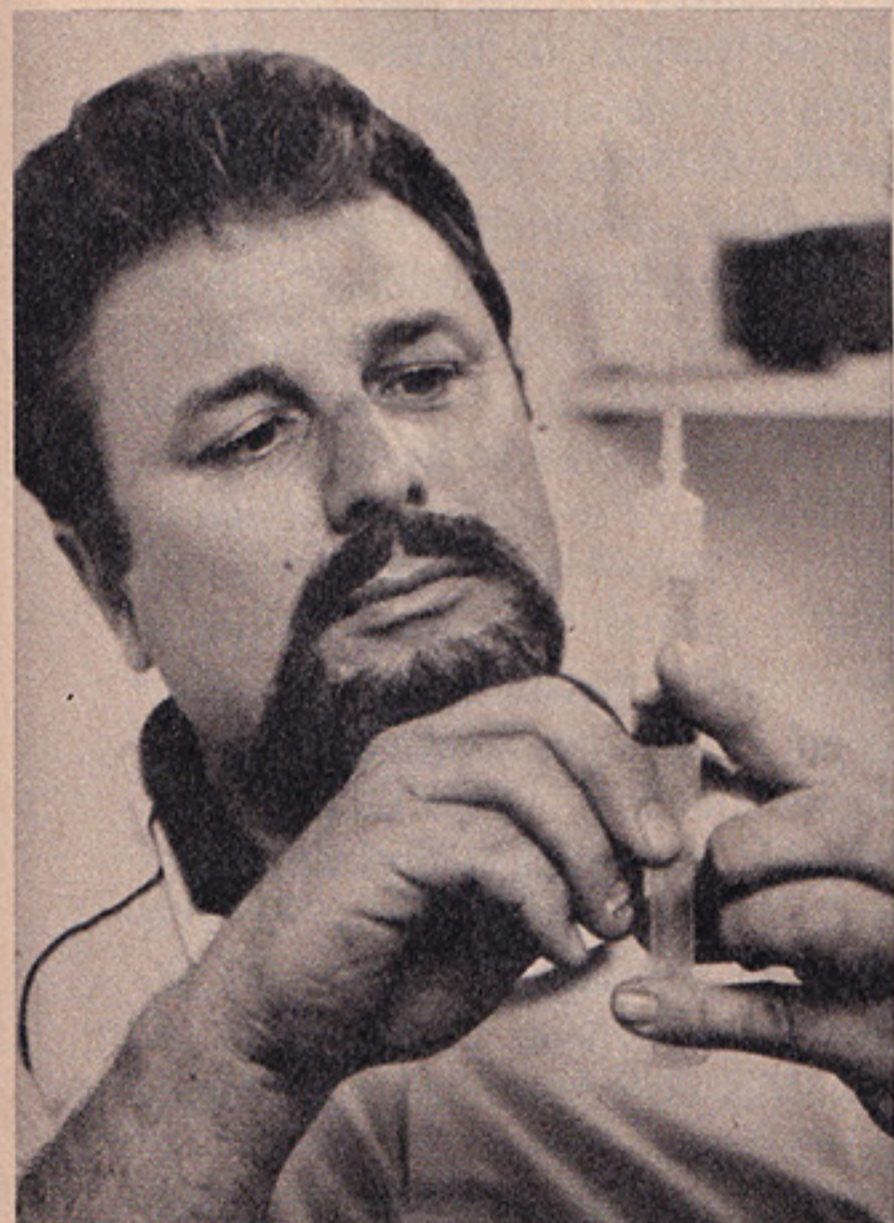
Junto a eles funciona o departamento médico, chefiado pelo pequenino e incansável Marco Aurélio Cunha, 32 anos, que divide seus plantões com o doutor Eduardo Gomes Cardoso. “Não temos hora, se for necessário”, argumenta Cunha, “mas ficamos felizes quando o técnico recebe em condições plenas os jogadores que escolheu.” A mesma verdade vale para o fisioterapeuta Luís Rosan e seu auxiliar, Sandro Gilson Cunha, que se esforçam para acelerar a recuperação física dos atletas. Para tanto, utilizam fornos, raios X, ultra-som e uma parafênalia que inclui o moderníssimo Orthotron II, um aparelho que, no Brasil, só existe ali e na clínica do celebrado Nivaldo Baldo, em Campinas.



Tião: “Roupeiro não, sou mordomo”

Tempos modernos. Quando o enfermeiro Carmine Ferrari começou no tricolor, há 32 anos, fazia este mesmo trabalho esquentando toalhas num fogareiro a álcool. “Não existia nem seringa descartável”, recorda. Pois é. Hoje em dia, até a refeição dos jogadores é balanceada. É a parte que cabe a Carlos Rodrigues Silva, 37 anos, o encarregado da cozinha.

Todo esse time se reúne periodicamente com o diretor de futebol Juvenal Juvêncio e com o gerente José Eduardo Chimello. Estudam, discutem, planejam, corrigem e, fundamentalmente, trabalham muito até o técnico Pepe ordenar o “Vamos lá!” É por isso que o administrador do Morumbi, Gino Orlando, costuma definir esse exército invisível com uma brincadeira de palavras: “Nós jogamos sem bola”.



O enfermeiro Ferrari: toalhas a álcool

Ari Borges

FUTURO GARANTIDO!

APRENDA A GANHAR DINHEIRO, MUITO DINHEIRO NA MAIS EXPERIENTE E TRADICIONAL ESCOLA POR CORRESPONDÊNCIA DO BRASIL:

INSTITUTO RADIODÉCNICO MONITOR

O Monitor é o pioneiro no ensino por correspondência no Brasil.

Conhecido por sua seriedade, capacidade e experiência, desenvolveu ao longo dos anos técnicas extraordinárias de ensino, um método exclusivo que atende às necessidades do estudante brasileiro. Este método chama-se “APRENDA FAZENDO”. Prática e teoria sempre juntas, para um aprendizado integrado e de grande eficiência. Um sucesso absoluto!

MUITOS CURSOS PARA VOCÊ ESCOLHER:

- Eletrônica, Rádio e Televisão
- Chaveiro
- Caligrafia
- Desenho Artístico e Publicitário
- Montagem e Reparação de Aparelhos Eletrônicos
- Desenho Arquitetônico
- Eletricista Instalador
- Instrumentação Eletrônica
- Desenho Mecânico
- Eletricista Enrolador
- Programação de Computadores

Importante: Todos os Cursos são acompanhados de farto material prático INTEIRAMENTE GRÁTIS.

UMA GRANDE PROMOÇÃO DO MONITOR!

Mande-nos hoje mesmo seu cupom preenchido. Além de receber informações gratuitas de todos os nossos cursos, **voçê ainda poderá ganhar presentes espetaculares.**



INSTITUTO RADIODÉCNICO MONITOR

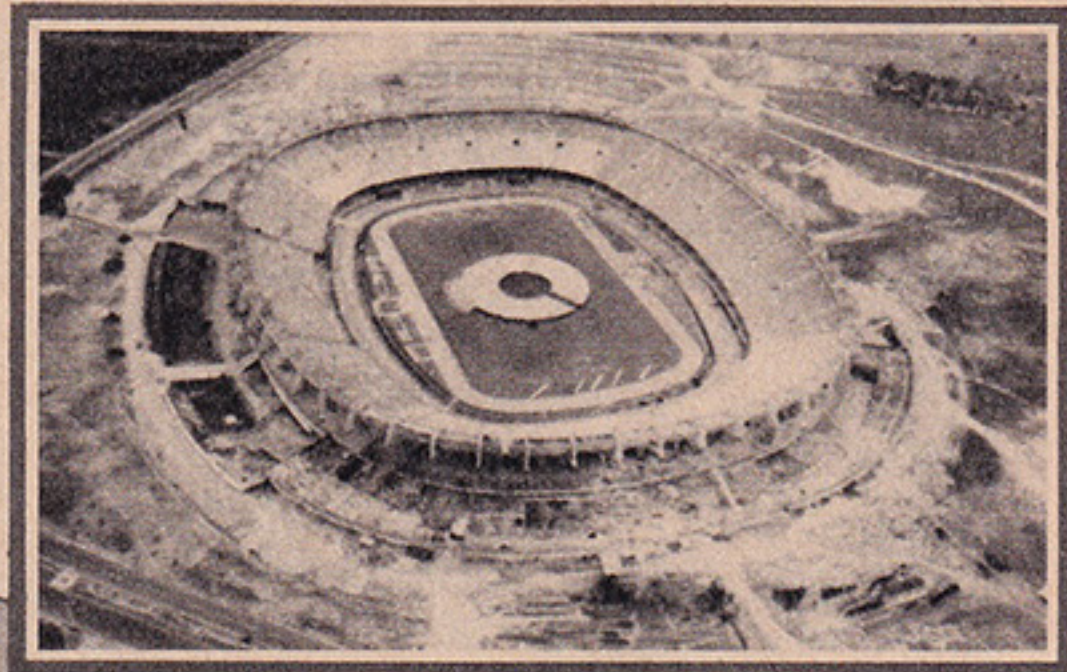
Rua dos Timbiras, 263 - CEP 01051
Cx. Postal 30277 - São Paulo - SP

Sr. Diretor, gostaria de receber, gratuitamente e sem nenhum compromisso, o catálogo ilustrado do Curso _____

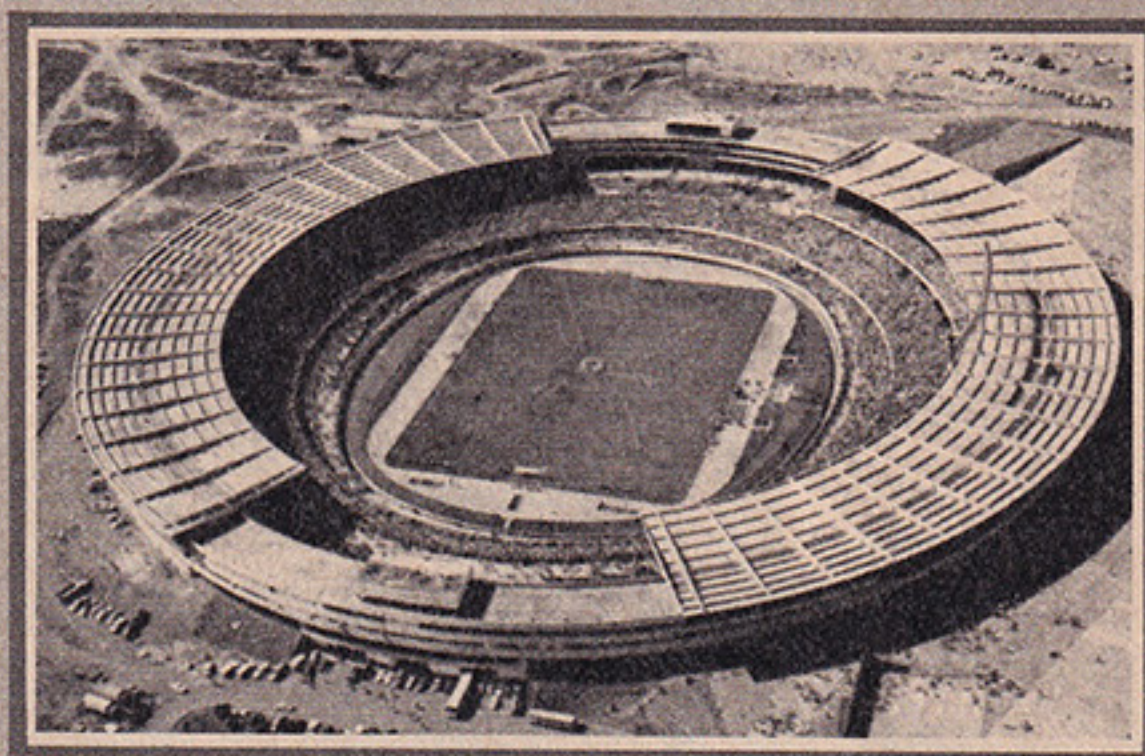
Nome: _____

End.: _____

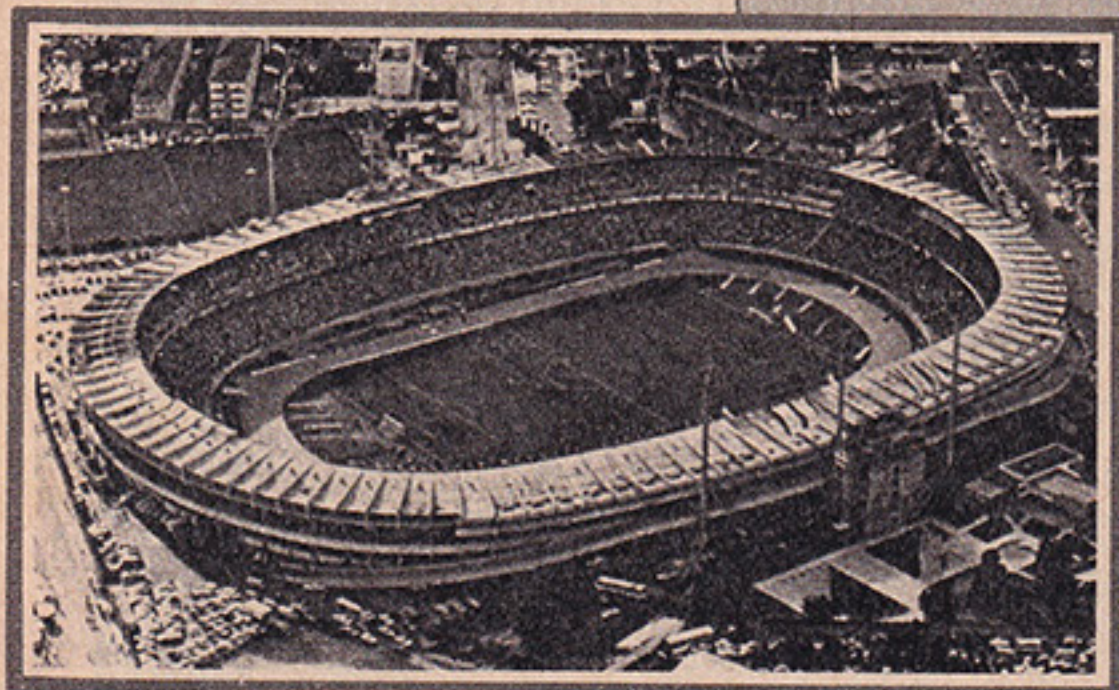
CEP: _____ Cidade _____ Est. _____



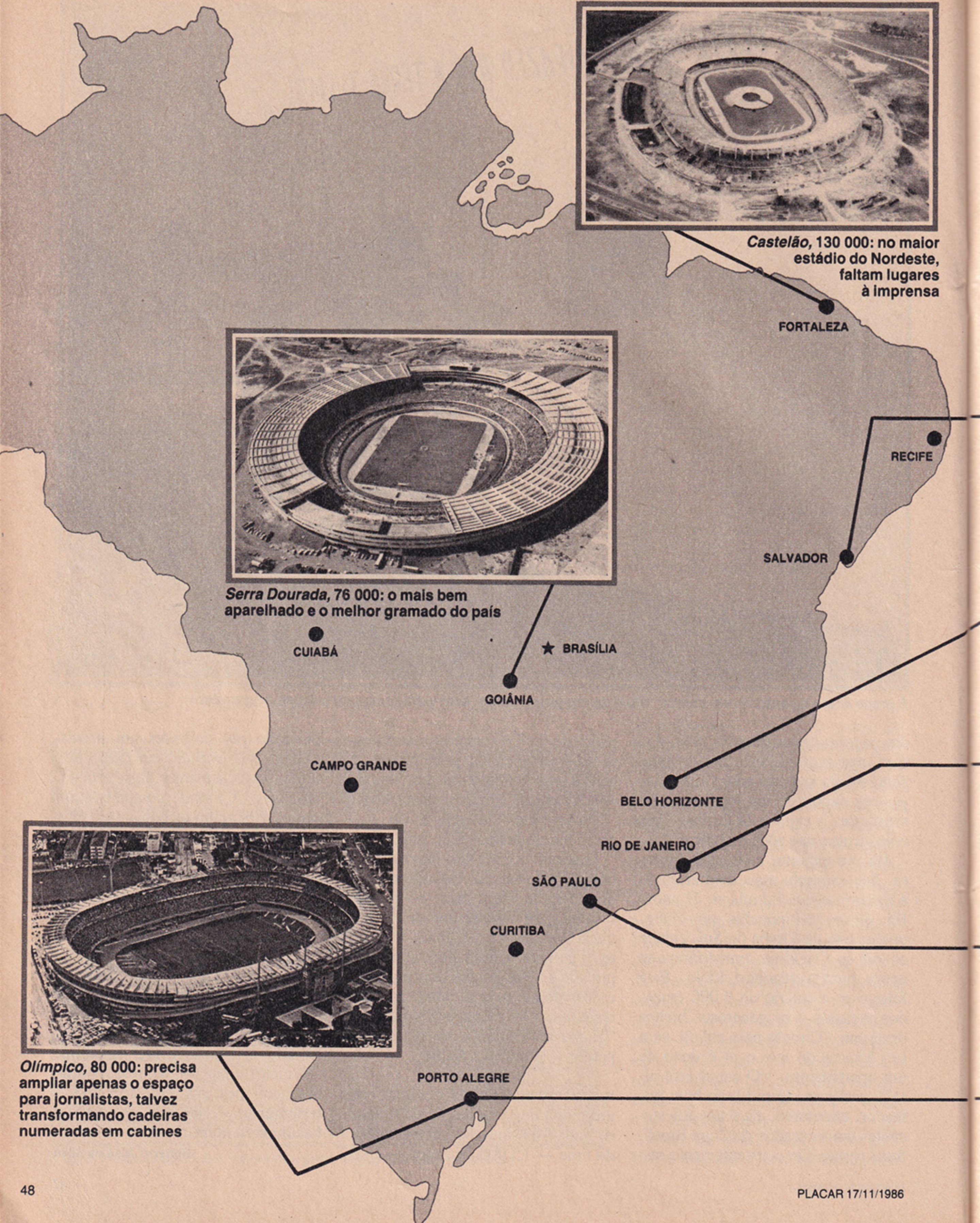
Castelão, 130 000: no maior estádio do Nordeste, faltam lugares à imprensa



Serra Dourada, 76 000: o mais bem aparelhado e o melhor gramado do país

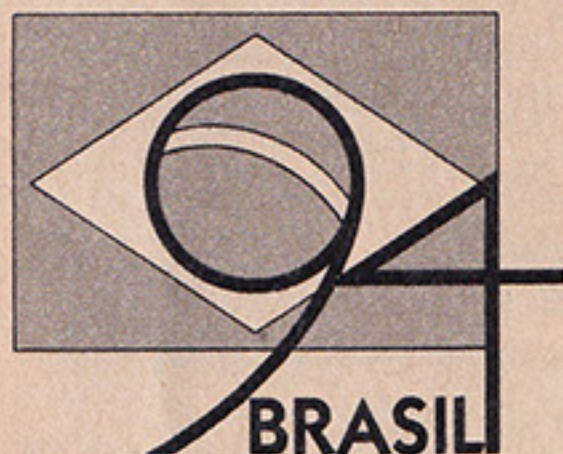


Olímpico, 80 000: precisa ampliar apenas o espaço para jornalistas, talvez transformando cadeiras numeradas em cabines



O FUTURO ESTÁ AÍ

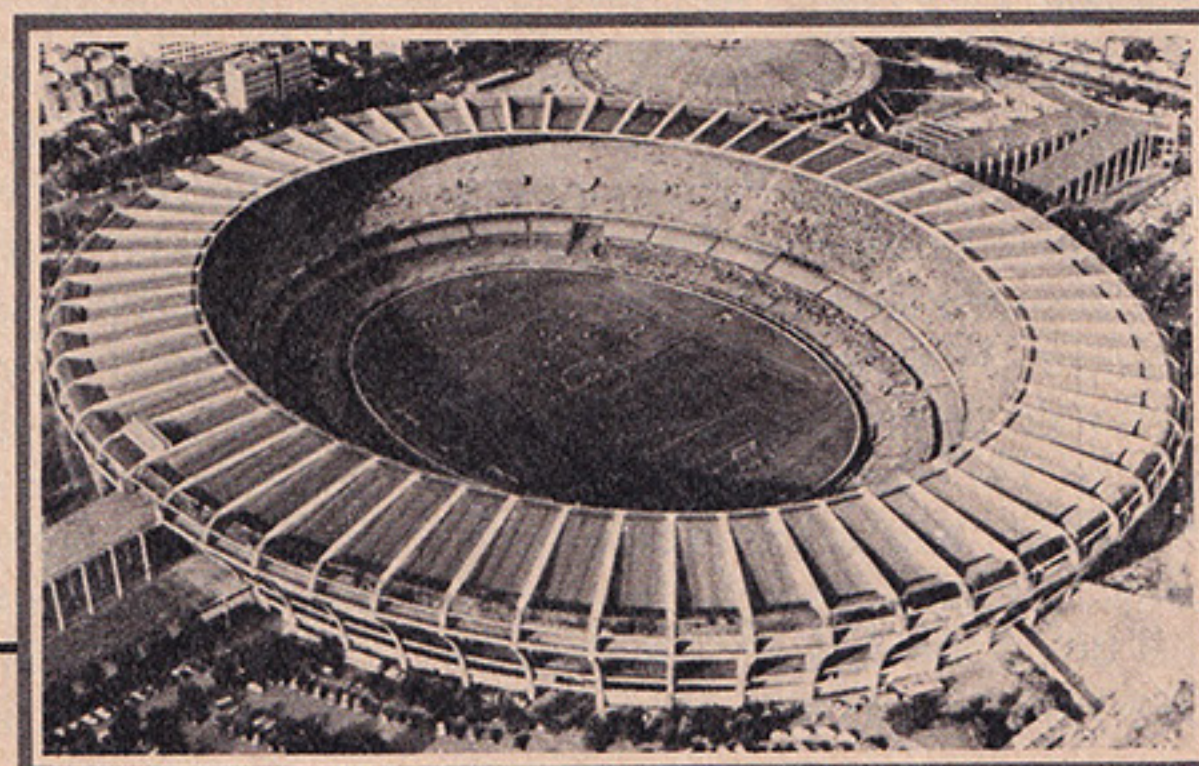
Com ótimos estádios, uma boa infra-estrutura e ainda muita coisa a ser feita, o Brasil candidata-se a promover um Mundial que vai começar bem antes do que se imagina



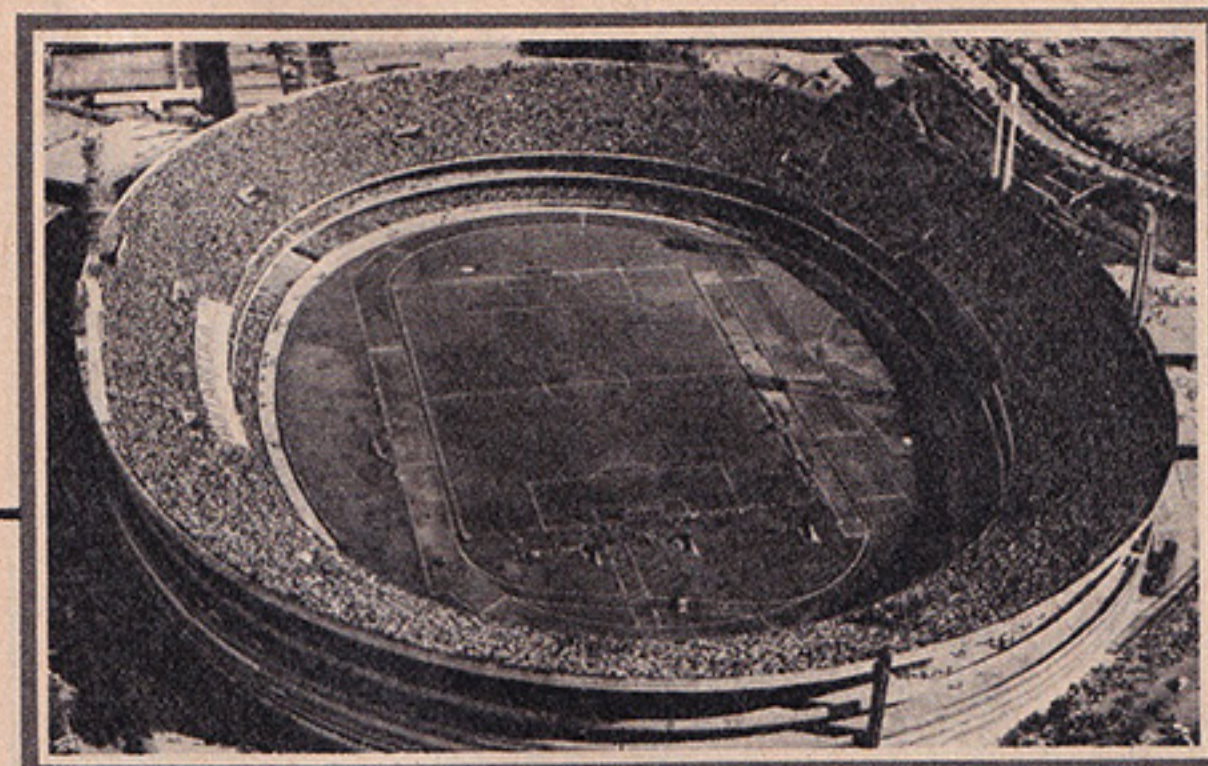
Fonte Nova, 85 000: necessita de algumas remodelações — só possui 22 sanitários



Mineirão, 132 350: excelente capacidade, muito bem equipado e ótima infra-estrutura



Maracanã, 200 000: cenário obrigatório da partida final, carece de uma ampla reforma



Morumbi, 138 000: o maior palco depois do Maracanã tem péssimas instalações de imprensa



Beira-Rio, 90 000: dispõe de 26 cadeiras para os repórteres trabalharem. No mais, é ótimo

Um grito pode ser a diferença entre a vitória e a derrota.

A sua presença nos jogos do São Paulo Futebol Clube já é um grande estímulo.

Quando você, além de vir, torce por nós, sem parar, nossas energias redobram. A gente se agiganta. E a vitória chega.

Por isso, venha sempre. E grite. E torça. Ininterruptamente.

Na sua garganta, está o nosso maior estímulo. Nos seus aplausos, a recompensa pela nossa luta.

Na sua alegria pela vitória, a nossa emoção. Ao vivo, e em cores. Aliás, três cores.



TORÇA COM A GENTE.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2026



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ